

LÍNGUA NATIVA E SOCIEDADE: UMA EXPERIÊNCIA EM BOCA DO ACRE/AM

Histefany Damasceno de Avilar - Acadêmica em Licenciatura em Letras no Núcleo de Ensino Superior de Boca do Acre, Bolsista do PROGEX. E-mail: histefanyavilar@live.com

Luís Alberto Mendes de Carvalho - Mestre em Educação e Ensino de Ciências pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, docente no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP. E-mail: lamdcarvalho@uea.edu.br

RESUMO

O presente artigo relata o desenvolvimento de um projeto de extensão de ações etnolinguísticas que contribuíram com o fortalecimento de uma determinada língua nativa. Trata-se da língua autóctone Apurinã, de raiz Aruaque, falada por reminiscências nativas em locais próximos às margens do rio Purús/AM. No desenvolvimento buscamos viabilizar um processo de divulgação e reafirmação dessa língua como forma de lhe dar visibilidade no cenário linguístico regional. Com isso, foi aplicado o fortalecimento dessa língua na Escola Estadual Antônio José Bernardo Vasconcelos da cidade de Boca do Acre - AM, com alunos do 1 ano do Ensino Médio. As ações foram realizadas a partir do Núcleo de Ensino Superior de Boca do Acre – NESBA, sob a coordenação de pesquisadores pertencentes ao quadro docente do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, ambas as instituições pertencem à Universidade do Estado do Amazonas – UEA. A proposta foi relevante tanto ao ensino na Escola aplicada quanto à aprendizagem no Curso de Letras de Oferta Especial, uma vez que contou com o apoio de bolsistas discentes daquele Núcleo. Desta forma, o projeto valorizou a língua de indígenas amazonenses, permitindo construir novos paradigmas científicos discentes, mais críticos e construtivos, a partir no ambiente de aprendizagem superior.

Palavras-chave: Apurinã. Língua Autóctone. Sociedade. Cultura Indígena.

ABSTRACT

This article reports the development of a project to extend ethno-linguistic character actions that contributed to the strengthening of a given native language. It is the autochthonous language Apurinã, from Aruaque root, spoken by native reminiscences in places near the banks of the Purús/AM River. In development we seek to enable a process of dissemination and reaffirmation of this language as a way to give it visibility in the regional linguistic scenario. Thus, the strengthening of this language was applied at the Antônio José Bernardo Vasconcelos State School in the city of Boca do Acre-AM, with 1-year high school students. The actions were carried out from the Center of Higher Education of Boca do Acre - NESBA, under the coordination of researchers belonging to the faculty of the Center for Higher Studies of Parintins - CESP, both institutions belong to the State University of Amazonas - UEA. The proposal was relevant both to teaching in the applied school and to learning in the Course of Letters of Special Offer since it had the support of students from that Center. Thus, the project valued the language of indigenous Amazonians, allowing to build new scientific paradigms students, more critical and constructive, starting in the higher learning environment.

Keywords: Apurinã. Autochthonous language. Society. Indigenous Culture.

INTRODUÇÃO

O reconhecimento a respeito de que as populações autóctones constituíram os primeiros habitantes do imenso território brasileiro é algo que precisa estar bem demarcado nas políticas públicas como forma de resgate histórico. Pois, ainda persistem em nossa sociedade várias formas de exclusão desses povos, como, por exemplo, o preconceito linguístico em relação à língua nativa.

No entanto, pesquisas a respeito de modelos de fortalecimento de línguas autóctones mostram que é possível a manutenção de sistemas linguísticos que apresentam vulnerabilidade social.

A cooficialização dessas línguas indígenas promove uma mudança na sociedade, mas, ainda assim, precisa da valorização desses direitos no contexto social. Para Silva (2016)

Apesar da criação da lei de cooficialização, o estigma, o medo, e a vergonha de se falar a língua indígena em público ainda persistem no imaginário e na realidade das práticas de interação cotidiana (SILVA, 2016, p. 233)

Nesse contexto de lutas por direitos, vale ressaltar o fato político da cooficialização das línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira, na obra de Oliveira (2007). O autor

aborda a natureza jurídica e administrativa, por um lado, e mostra o seu sentido de luta contra a discriminação linguística de que são vítimas os falantes de outras línguas no Brasil, como os indígenas.

Como resultado da luta empreendida em São Gabriel, foi aprovada a lei 145, que tornou cooficiais as línguas indígenas Tukano, Baniwa, Nheengatu. Além disso, a lei abriu espaço jurisprudencial para o surgimento de regulamentos similares em diversos municípios no Brasil.

A valorização e a liberdade das línguas maternas para os indígenas no ensino são importantíssimas. Segundo a LDB, “o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (art.32; § 3º).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Nosso percurso: as ações e repercussões do projeto

Com base nesses pressupostos, estamos desenvolvendo um projeto de fortalecimento da língua Apurinã, no município de Boca do Acre/AM¹, juntamente com o uso do idioma oficial, a Língua Portuguesa (LP).

Partimos da metodologia de observação do campo, levantamen-

¹ É um município brasileiro localizado no interior do estado do Amazonas. De acordo com a estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2019, sua população era composta por 34.308 hab.

to bibliográfico, e por buscas de parcerias entre Instituições como o Núcleo de Ensino Superior de Boca do Acre (NESBA), Fundação Nacional do Índio (Funai), escola Estadual Antônio José Bernardo Vasconcelos. Eram uma necessidade esses apoios para a aplicação do projeto; obtivemos êxitos em todas as instituições e outro apoio essencial foi do Cacique Francisco Gonçalves da Silva, da Aldeia Camicuã², que se dispôs a nos apoiar no que estivesse ao seu alcance, compartilhando materiais de levantamento lexical em língua Apurinã.

A aplicação principal do nosso trabalho tem sido na Escola Estadual Antônio José Bernardo Vasconcelos. Trata-se de uma escola urbana que possui apenas o nível médio. Aplicamos o projeto com alunos do 1º ano do Ensino Médio. De início apresentamos a proposta do projeto à coordenação da escola e obtivemos êxito.

Em seguida fizemos a amostra simplificada do projeto aos estudantes, observamos discentes, curiosos e atenciosos em aprender o que significava “fortalecimento de língua”, bem como seria desenvolvido o fortalecimento da língua Apurinã em nossa comunidade linguística. Essa divulgação inicial gerou comentários na cidade a respeito do projeto a ser realizado.

Figura 1 - Divulgação do projeto para os alunos



Fonte - Arquivo pessoal, 2019.

O projeto de fortalecimento da língua Apurinã está há cerca de um ano em andamento. Com frequência de 15 em 15 dias realizamos oficinas. O objetivo do projeto é ensinar a língua Apurinã, traduzindo-a para a língua portuguesa, mostrando aos alunos a língua nativa. Consequentemente, motivando-os a valorizarem essa língua materna deles no convívio social. Os alunos demonstram a cada dia interesse e participação, como resultado estão mais fluentes na língua nativa.

Uma das ações do projeto foi levar áudios de vozes dos nativos, para que os alunos participantes tivessem contato com a língua Apurinã pronunciada, e, a partir disso, reproduziram textos em Apurinã com tradução livre em português, tanto escrito como oral. Os alunos promoveram diálogos de apresentação da língua indígena entre eles, e, logo após, escreveram o diálogo criado.

² A terra indígena Camicuã possui 58.519ha e foi homologada em 1991. Está localizada próxima à sede do município de Boca do Acre e à margem esquerda do rio Purus. Somando em 2015 aproximadamente 480 pessoas.

Foto 2 - Aluna escrevendo o diálogo



Fonte - Carvalho & Avilar, 2019.

Produzindo exemplares de palavras traduzidas da língua Apurinã para o português, eles divulgaram na escola Estadual Antônio José Bernardo Vasconcelos e sociedade em geral, pois é de suma importância para a sociedade ter conhecimento do projeto que está sendo aplicado nas escolas.

Durante o desenvolvimento do trabalho promovemos a divulgação na escola de produções de mini glossários bilíngues ilustrativos em Apurinã com tradução em Português.

Está sendo uma interação relevante para a sociedade e os alunos. Atualmente os estudantes que participam do projeto escrevem várias palavras em Apurinã, bem como as palavras mais usadas no dia a dia da Aldeia, algumas palavras foram: aiku=casa, tukury= roçado, keta= atirar, kanawa= canoa etc.

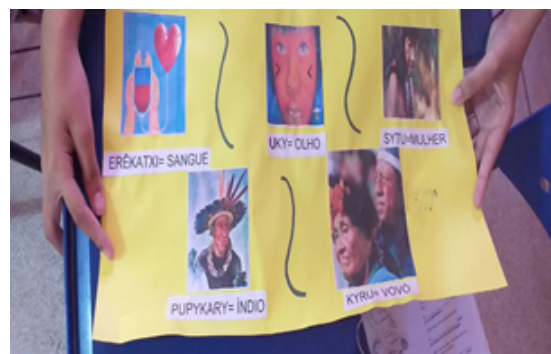
Figura 3 - Amostra das palavras Apurinã



Fonte - Carvalho & Avilar 2019.

Outra ação realizada no projeto foi o ensino de textos literários em Apurinã, como os contos do livro “Mitologias do Povo Apurinã”, da organizadora Ana Patrícia Chaves Ferreira (2014). Os discentes narravam esses contos, com dificuldade na pronúncia, mas com muito interesse de aprender as histórias relatadas nos contos, com tom de humor e ao mesmo tempo suspense. Logo após a socialização entre eles, os mesmos desejavam compartilhar para os seus familiares.

Figura 4 - Mini glossário pronto



Fonte - Carvalho & Avilar, 2019.

Após o desenvolvimento desse trabalho nas escolas, buscamos saber o interesse dos remanescentes falantes da língua Apurinã a respeito do fortalecimento da língua

na sociedade e entre eles. Para isso realizamos entrevistas a fim de coletarmos breve levantamento lexical em língua Apurinã.

RESULTADOS

O desenvolvimento, na escola, da proposta ora relatada ocasionou a análise do processo educacional. Assim, pode-se afirmar que os alunos da escola Estadual Antônio José Bernardo Vasconcelos vêm passando por um expressivo desenvolvimento e evolução deles no que diz respeito à motivação escolar e no processo de aprendizagem por participarem no projeto. Eles relatam que se sentem eufóricos e realizados por fazerem parte da referida ação de pesquisa e por contribuírem na sociedade, com a colaboração para o fortalecimento da língua materna de seus antepassados, a língua apurinã. E eles demonstram interesse em procurarem se aproximar mais da comunidade indígena, com o propósito de obter mais conhecimento da língua e suas culturas locais. Além disso, afirmam o desejo de que esse projeto permaneça durante todas as fases do ensino médio enquanto o estiverem cursando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém ressaltar que o objetivo do nosso trabalho tem sido alcançado a contento. O fortalecimento da língua nativa Apurinã tem se tornado uma tarefa bastante animadora tanto do ponto de vista

como prática docente de formação inicial como forma de iniciação à pesquisa. Produzir o fortalecimento da língua Apurinã juntamente com estudantes da escola Estadual Antônio José Bernardo Vasconcelos, em Boca do Acre/AM, é um passo importante para a inserção daquela língua na sociedade. Nós como aplicadores desse projeto podemos observar que os discentes produzem interesse e envolvimento de maneira mais profunda. E esse projeto tem contribuído para nós acadêmicos de Letras no nosso aprendizado da língua nativa, e na escola aplicada está acontecendo um diferencial das demais escolas e uma parte da sociedade.

Podemos afirmar que conhecer a língua nativa é obter conhecimentos culturais que valorizam a comunidade Apurinã. Esta comunidade se sente mais valorizada e, com a ação desenvolvida, se paga uma parte da dívida histórica relativa ao avanço de determinadas culturas que excluem o sentimento nativo impregnado na alma das populações autóctones. Além disso, valorizar uma língua nativa equivale a resgatar a cidadania historicamente negada a esses povos pelos longos anos de dominação imposta em nome do progresso. É, por fim, consolidar a aplicação dos dispositivos legais e demais pressupostos inclusivos em favor dos povos amazônidas.

REFERÊNCIAS

Brasil. *Lei 9394/1996*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

- FERREIRA, Ana Patrícia Chaves (org.). *Mitologias do Povo Apurinã: origens e sentido da vida e do mundo*. São Leopoldo: Oikos, 2014.
- NOSSA terra nosso jeito/ Povo Apurinã da TI Camicuã... [Et al.]. Brasília (DF): Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2015. 80 p.
- SILVA, Julia Izabelle. *Do mito da língua única à política do plurilinguismo: desafios na implementação de leis de cooficialização linguística em municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: Matruga, n. 38, p.223-241, jan/jun., 2016.
- SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz (trad. Miguel Cabrera). *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA. Lei Municipal 145/2002.
- SILVA, Kleber Aparecido; DANIEL, Sandra Mari Kaneko. *A formação de professores de línguas: novos olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (trad. João Batista Kreuch). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- TEIXEIRA, Paulo Marcelo. *Ensino de ciências: pesquisas e pontos em discussão*. Campinas: Comedi, 2009.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2015.